

CENAS ESPANTADAS: UM ENGANO, UMA ESPERA E UMA FUGA

Um engano

Cenário-caixa tipo décor de série de televisão. Cozinha equipada. Uma porta de entrada. Um narrador-repórter está do lado de fora do décor contando a estória com um microfone de mão.

Narrador: Era uma vez uma senhora com uma grande prole que anunciou que ia fazer um bolo para a sua grande prole.

Entra a senhora de avental pela porta. Dirige-se ao público e pendura o sorriso entre o espectador mais à esquerda e o espectador mais à direita. Nasce-lhe uma ideia. Volta a sair pela porta.

Narrador: Disse então que ia buscar aquilo de que necessitava e foi buscar um pedaço de carne.

A senhora regressa com um belo naco de carne sobre as duas mãos e volta a pendurar os bordos do sorriso nos espectadores.

Narrador: Quando viu que o que tinha nas mãos não servia para fazer um bolo, pensou fazer uma bola, pois ninguém daria pela diferença.

A senhora desprende os bordos do sorriso e este cai e fica lasso por momentos. Ela coloca o pedaço de carne numa mesa sobre um tabuleiro de forno e tempera-o. O sorriso começa-se

a estirar-se novamente no rosto até que ela o prende nas orelhas para não voltar a cair. Mete o pedaço de carne no forno.

Narrador (em simultâneo com a ação): Como ia fazer uma bola de carne, temperou um grande naco e, contrariamente ao que seria de esperar, meteu-o no forno.

A senhora fecha a porta do forno, olha para o público e imagina um belo pedaço de carne succulenta. Os bordos do sorriso contorcem-se de gula.

Narrador: Queria cozê-lo em lume brando para preservar todo o sabor – conforme toda a gente sabia ela era uma cozinheira de requinte – e por isso... (a senhora regula o termostato – som do botão a rodar lentamente) regulou o termostato para o máximo.

A senhora espera, satisfeita. Prende o sorriso ao avental. E dá uns passos na tijoleira de cerâmica.

Narrador: Para não esturricar deixou-a ficar lá para além do tempo de cozedura.

A senhora de sorriso preso ao avental dá uns passos na tijoleira de cerâmica. O tempo passa. Ela dá passos na tijoleira. Volta a prender o sorriso se por acaso este se solta. Dá meia volta. Olha o assado. Dá passos. E para.

Narrador: Por fim...

A senhora enche a cozinha toda com o seu sorriso, deixa que a gula lhe caia aos pés para lhe trepar pelas pernas acima e dirige-se apoteoticamente ao forno.

Narrador: Abriu inopinadamente a porta do forno...

A senhora abre a porta do forno e é consumida.

Narrador: E, claro, empurrou a travessa bem lá para o fundo.

A senhora é consumida pelo forno, que arrotos os chinelos cardados com tecido florido. Fade-out no décor. Fica apenas a luz do narrador.

Narrador: Quando os seus filhos, netos e bisnetos chegaram, cansados e esfomeados depois de um dia de trabalho, a senhora tinha posto a cama cheia de pratos de aguardente e copos vazios com palhinhas para beber o bolo. Felizmente, todos ficaram felizes pela reunião familiar. Então, a senhora e sua prole, todos dispersos no centro da cama, sorriram muito entre si enquanto comiam a aguardente. No final, suspiraram em unísono e disseram:

Gravação com muitas vozes, entre risos, tilintar de copos e ruídos de pratos e talheres: Falta-nos aqui qualquer coisa.

Uma espera

O ovo-mole e a couve-de-bruxelas aguardam uma consulta de medicina geral. Estão na sala de espera, sentados em cadeiras de escritório em pvc. O ovo-mole tem a forma de um pipo e balança um pouco sobre a franja da hóstia branca. A couve-de-bruxelas está sentada muito direita, com o caule ortogonalmente assente sobre o plano da cadeira. Há uma televisão ligada sem som suspensa na parede, uma mesa a meio da sala com revistas e uma secretária com uma empregada de rosto escondido atrás do computador. Há uma grande janela numa parede por trás da televisão.

Ovo olha para Couve. Couve olha para televisão que está ligada sem som. Ouve-se o som das teclas do computador.

Ovo olha para Couve. Couve sente-se olhada, levanta-se e vai buscar uma revista cor-de-rosa que está sobre a mesa. Ovo

balança e olha para a Secretária. Secretária continua a escrever ao computador. Ovo olha para a janela. Dia cinzento.

Ovo olha para Couve. Couve suspira, sorri e abana as folhas superiores, de olhos presos na revista cor-de-rosa.

Ovo olha para os pés que não tem mas gostaria de ter e balança.

Couve dá um olhar de soslaio para os pés inexistentes de Ovo.

Ovo olha para o dia cinzento, enquanto mexe numa dobra da sua hóstia excedente.

Couve volta a olhar para a revista. A dobrazinha da hóstia parte e cai uma migalha sobre o caule da Couve.

Ovo: Desculpe.

Couve (sacudindo o caule): Não tem mal.

Ovo olha para a Secretária, que trabalha no computador. Couve olha, pela primeira vez, para o dia cinzento.

Couve: Magoou-se?

Ovo: Não. Porque é que pergunta?

Couve olha para o Ovo.

Couve: Como partiu um bocadinho de si...

Ovo sacode-se.

Ovo: É periférico.

Couve: Pois.

Couve volta a mergulhar na leitura da revista cor-de-rosa.

Ovo: Sempre me intrigou porque é que temos de andar com isto se apenas necessitamos do nosso âmagô.

Couve olha para o lugar dos inexistentes pés do Ovo.

Ovo: Você, por exemplo, não precisa de revestimento. Está aí, um todo unívoco e essencial. Um organismo sintetizado e funcional.

Couve levanta o olhar para Ovo.

Ovo: Peço desculpa, não queria incomodá-la.

Couve dá um longo suspiro enquanto olha para Ovo. Couve volta o olhar para o dia cinzento.

Couve: Na forma somos semelhantes.

Ovo olha para dia cinzento.

Ovo: Redondos.

A Secretária faz uma chamada telefônica.

Secretária: Olá querido!

Couve: Não tem nada de que se queixar.

Secretária: Não, hoje não.

Ovo: Não me queixo, constato.

Secretária: Mas já combinámos com a minha mãe.

Ovo: Você é verde e eu sou branco.

Couve volta-se para Ovo.

Couve: Parabéns.

Couve volta a ler a revista cor-de-rosa.

Ovo: Porém... é contundente pensar que sou de um laranja quente por dentro.

Couve encarquilha as folhas enquanto vira uma página.

Secretária: Já te disse que hoje não dá.

Ovo tosses, olhando os pés que não tem.

Secretária: Um beijo.

Ovo: E...

Secretária: Amo-te.

Ovo: Ainda outra diferença...

Secretária ri-se.

Ovo: Significativa...

Secretária: Está bem...

Ovo: Tenho a certeza de que você é saudável e está aqui apenas para uma consulta de rotina.

Secretária ri-se.

Secretária: Oh...

Ovo: Eu tenho altos valores de colesterol e diabetes.

Secretária: Xau...

Ovo: Mas sou docinho.

Ovo olha para dia cinzento. Empregada desliga o telefone. Couve continua a ler a revista cor-de-rosa.

Couve: Cada um é como é.

Ovo: Você é dura e eu sou mole.

Couve pára de ler e arregala os olhos. Ovo levanta-se, pega-lhe numa folha e inclina-se.

Ovo: Ovo Mole. É um prazer conhecê-la.

Couve tosse e fica arroxeadada.

Couve: Couve Piquena.

Couve olha para a televisão, de olhar arregalado. Ovo levanta-se e dirige-se para a janela que mostra o dia cinzento, rebolando entre os móveis.

Ovo: Tem ar de Couve Piquena.

Ovo olha para o dia cinzento. Couve continua a olhar para a televisão.

Ovo: Um dia conheci uma choucroute...

Fade out.

Nota: A Secretária é uma cenoura com rama.

Uma fuga

Um gato vermelho atravessa o palco a correr e desaparece. O gato olha sempre para os pés.

Voz de corpo ausente: Um gato vermelho vivo corre sem vida nem amor. Não precisa de água. Pica.

O gato volta a atravessar o palco, enquanto se ouve a voz.

Voz de corpo ausente: O gato corre em busca de nada.

O gato para, continua a olhar para os pés e fala.

Cato: Não preciso. Já a absorvi toda no início da vida, antes de começar a viver. Não preciso de água. Tenho-a cá dentro. (*recomeça a correr*) As outras plantas precisam, mas eu não.

O gato continua a correr, atravessando o palco de um lado ao outro várias vezes. Verte gotas de suor através dos picos.

Voz de corpo ausente: Tenha cuidado. O gato vai a correr e você pode estar no seu caminho. Ele não é um piri-piri, apesar de ser vermelho e picante. É um gato.

O gato continua a correr atravessando o palco. Fade out. O gato corre pela plateia, entre o público, com a iluminação ténue das saídas de emergência. Olha sempre para os pés e, se tem que esperar que alguém se levante, corre no mesmo lugar enquanto espera. Volta para o palco, em escuridão total. O espetáculo passa a ser apenas som. Ouve-se o passo de

corrida que vai relutando até parar. Respiração ofegante do gato.

Cato: Não tenho necessidade nenhuma em ter necessidade alguma.

Ouve-se o passo de corrida do gato novamente, como se recomeçasse a fuga. Repete as palavras que disse, diminuindo o volume até serem inaudíveis. Vai perdendo as forças e relutando o passo. Cai com estrondo.

Março-Setembro/2012